

**JOÃO MARCIO AUGUSTIN**

**O MERCADO DE TRABALHO E A SOCIEDADE  
NA ERA PÓS-INDUSTRIAL**

**Monografia apresentada como requisito  
parcial à conclusão do curso de Ciências  
Econômicas, setor de Ciências Sociais  
Aplicadas, da Universidade Federal do  
Paraná.**

**Orientador: Prof. Mariano de Mattos Macedo.**

**CURITIBA**

**2004**

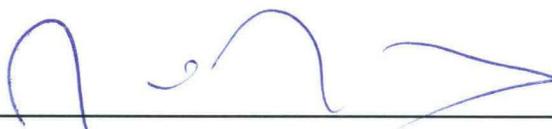
# O MERCADO DE TRABALHO E A SOCIEDADE NA ERA PÓS-INDUSTRIAL

por:

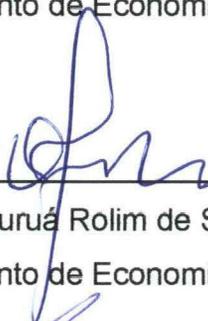
JOÃO MÁRCIO AUGUSTIN

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, Departamento de Economia, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, submetido à Comissão Examinadora formada pelos professores:

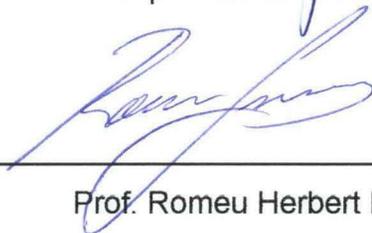
ORIENTADOR:



Prof. Mariano de Mattos Macedo  
Departamento de Economia, UFPR



Prof. Othon Juruá Rolim de Sousa Reis  
Departamento de Economia, UFPR



Prof. Romeu Herbert Friedlaender Junior  
Departamento de Economia, UFPR

CURITIBA

2004

## **LISTAS DE QUADROS**

<b>QUADRO I – CARACTERÍSTICAS DA ATUAL ESTRATÉGIA DE REESTRUTURAÇÃO CAPITALISTA.....</b>	<b>14</b>
<b>QUADRO II - CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA PÓS INDUSTRIAL.....</b>	<b>15</b>
<b>QUADRO III – REESTRUTURAÇÃO CAPITALISTA E EFEITOS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO.....</b>	<b>16</b>
<b>QUADRO VI - CARACTERÍSTICAS DAS POLÍTICAS DE EMPREGO.....</b>	<b>23</b>
<b>QUADRO V - ESTRATÉGIAS DE EMPREGO EM ECONOMIAS AVANÇADAS E NO BRASIL.....</b>	<b>24</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO I - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA – URBANA – 1940 – 2000.....	19
GRÁFICO II - TAXA DE DESEMPREGO NA RMSP – 1984 – 2003.....	21
GRÁFICO III- TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO NO BRASIL (EM %)......	22

# SUMÁRIO

<b>LISTAS DE QUADROS.....</b>	<b>I</b>
<b>LISTAS DE TABELAS.....</b>	<b>II</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>III</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 O MERCADO DE TRABALHO NAS ERAS PRE E POS INDUSTRIAL</b> <b>.....</b>	<b>3</b>
2.1 Princípios Industriais.....	6
<b>3 O MERCADO DE TRABALHO NA ERA PÓS INDUSTRIAL.....</b>	<b>9</b>
<b>4 O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL .....</b>	<b>18</b>
4.1 As políticas de Emprego no Brasil.....	23
4.2 O Serviço Público de Emprego.....	25
4.2.1 Intermediação da Mão de Obra.....	26
4.2.2 Formação Profissional.....	25
4.2.3 Assistência Financeira.....	27
<b>5 A ESTRUTURA DO DESEMPREGO.....</b>	<b>27</b>
5.1 Desemprego Friccional.....	28
5.2 Desemprego por Descasamento.....	28
5.3 Desemprego Estrutural.....	28
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## Resumo

A sociedade pós industrial está proporcionando condições de vida cada vez melhores, que é proporcionado pelo avanço da tecnologia, sobretudo da informática. Todas as estruturas foram transformadas, sejam elas nos mais diversos setores da sociedade e também em quase todos os lugares do mundo globalizado.

Porém, esse avanço na ciência tecnológica, trazem problemas, principalmente no que se refere ao emprego da mão-de-obra humana, ou melhor, está proporcionando escassez de emprego. Embora sempre se viveu com o problema do desemprego, a geração atual enfrenta com mais intensidade, ou seja, o desemprego hoje é muito maior do que há algumas décadas atrás.

Embora o desemprego não seja apenas mazelas da revolução tecnológica, mas um conjunto de fatores que resultam nisso, como por exemplo o capital financeiro, estimulado pelos juros altos afim de conter a inflação, principalmente nos países em desenvolvimento. Esse capital não gera produção nem emprego, e sim apenas lucro, e nada mais.

Precisa-se uma visão diferente, como investir em educação e qualificação profissional para proporcionar a volta e o ingresso de novos trabalhadores no mercado de trabalho. E não apenas dar importância a estabilidade econômica.

# 1 Introdução

O mercado de trabalho sempre foi e será uma das principais preocupações nas economias de todos os países, seja pela grande influência que provoca na geração de riqueza, como pela produção e pelo consumo que os trabalhadores proporcionam.

Este trabalho, inicia com uma retrospectiva histórica desde o pré-industrialização, passando pela indústria e sua grande influência no progresso nos últimos tempos, seja pelos métodos de produção como no bem estar, proporcionado pela industrialização.

A partir da segunda guerra, uma nova tendência foi sentida principalmente nos países desenvolvidos, com um novo salto tecnológico, sobretudo com a implantação da informática, que gerou novos métodos de produção, alterando a estrutura do mercado de trabalho. Essa desestruturação ocorre na perda de empregos do setor industrial para o setor terciário, setor esse que adquire a hegemonia na produção da riqueza nacional e na parcela dos empregos gerados.

Essa mudança da importância do setor industrial para o de serviços, começa a ser identificado como o período pós-industrial, que perdura até os dias de hoje. Porém o período pós industrial não iniciou ao mesmo tempo em todos os países, em nações emergentes, essa tendência ocorre principalmente à partir de 1980, em que a industrialização atinge uma maturação no processo de substituição de importações implantados em muitos países, principalmente na América Latina. A partir dessa data o processo de industrialização atinge uma estagnação, devido à crises de investimentos, e sem o apoio do Estado que tinha até então, sendo que o capital começa a ser destinado para o mercado financeiro, pelas políticas de juros, ou seja, capital especulativo.

O desemprego que sempre atingiu a humanidade, atinge uma posição de atenção devido ao grande aumento nas taxas, observado no período pós- industrial. Desemprego esse que pode ocorrer de três formas: friccional, descasamento e estrutural. O desemprego estrutural é considerado o mais grave, uma vez que ocorre

pela não existência de vagas, o mais comum observado atualmente, gerado em sua maioria pela substituição da mão de obra humana por máquina, mas isso não ocorre somente no setor industrial, mas em todos os setores, tanto o primário como o terciário.

Por último, uma análise mais detalhada do mercado de trabalho brasileiro. Período que pode ser dividido em dois momentos distintos do processo de estruturação: o primeiro entre 1940 à 1980, pode ser identificado como uma expansão no produtivo, amparado pelo Estado no pensamento da substituição das importações, período em que ocorre uma crescente oferta de emprego industrial e sobretudo com carteira assinada.

O segundo momento pós 1980 pode ser subdividido em dois: entre 1980 à 1990, e o período pós 1990. Entre 1980 e 1990, verifica-se uma redução na criação de empregos industriais, ocasionado pela estagnação econômica gerado por crises externas, na maturação da industrialização no Brasil que começa a ocorrer nesta época e pelo capital especulativo, diferente do período anterior em que a industrialização estava em pleno crescimento e os investimento públicos principalmente eram generosos. O segundo subperíodo, verifica-se um aumento do desemprego, influenciado pela reestruturação produtiva, ocasionada pela abertura econômica, implantada pelo governo Collor em 1990. A adequação aos processos produtivos globalizados, levou a indústria nacional a um aperfeiçoamento, afim de reduzir custos e enfrentar os produtos importados. Aperfeiçoamento esse, sobretudo na substituição da mão de obra por tecnologia da robótica e da informática.

Junto com a questão brasileira, uma breve passagem pela questão das políticas públicas de emprego e o serviço oferecido pelo governo afim de amenizar o problema do desemprego..

Tendo como tema principal o mercado de trabalho pós-industrial, essa monografia tentará mostrar o que está acontecendo mas que quase ninguém percebe, um processo cada vez maior de substituição de mão de obra humana por máquina, e um excessivo controle da inflação pelos juros, gerando um capital que não produz e não gera emprego, agravando o problema do desemprego mundial.

## 2 O Mercado de Trabalho nas Eras Pré Industrial e Industrial

O progresso tecnológico sempre contribuiu para o aperfeiçoamento na vida da sociedade, visando o bem estar. No início da nossa história tecnológica que surge com mais expressividade na Mesopotâmia, onde as primeiras cidades surgiram, contribuíram para o progresso técnico existente até então, principalmente no que toca a invenção da escrita, da roda, da matemática e também das primeiras leis de que se tem notícia.

Antes disso porém, nas grandes eras glaciais, o homem precisou de outros instrumentos que o ajudasse no dia-dia, inventou instrumentos como arco e flecha e o trenó. Portanto, também foi preciso domesticar o cachorro para que puxassem os trenós sobre o gelo, uma vez que a roda na neve não servia para nada. Por isso que a roda foi inventada tão tardiamente, somente depois que o gelo havia derretido.

Após isso, a agricultura foi inventada, fazendo com que o homem estabeleça moradia, deixando a forma nômade de viver. Essa sociedade rural durou milênios, onde poucas tecnologias haviam sido descobertas. A partir da Idade Média, um novo surto tecnológico contribuiu para uma nova sociedade. Trata-se da invenção da pólvora, imprensa, bússula, moinhos d'água e o moderno arreio para cavalo. Estas invenções foram significativas para surgir um mal que perdurará por séculos, a substituição da mão de obra humana por mecânica. Porém, nesta época a maioria do trabalho advinha do trabalho escravo, ou seja, trabalho não remunerado, como na Grécia de Platão, e como não havia custo para manter estes escravos essas tecnologias não eram muito difundidas, ganharam impulso em períodos quando a mão de obra era escassa, apenas para substituir o trabalho humano por necessidade.

A tecnologia empregada na época foi quase que exclusivamente empregada no meio rural, pois praticamente toda a população vivia no campo, trabalhando com atividades extrativas e o cultivo da terra. As pequenas manufaturas surgiram pelas necessidades da população e não para o comércio que existia quase que

exclusivamente pela troca nas poucas cidades existentes, cidades essa que existiam principalmente nos entroncamento de rotas comerciais.

Esta forma primitiva de indústria era muito diferente do que vemos hoje, pois as atividades eram exercidas junto as suas habitações, exercidas pelos membros da família, desde o projeto até produção feitos pelos mesmos membros nos mesmos lugares, não existindo nenhuma divisão do trabalho e nem patrões e subordinados como o que ocorre hoje.

No fim da Idade Média, começa uma transformação cultural com o Renascimento e idéias do Iluminismo, um novo conceito no papel do ser humano no universo é traçado, é o início da aplicação prática da ciência e da tecnologia na sociedade e na economia. Com as grandes descobertas marítimas e com o acúmulo de matérias-primas, houve a necessidade da invenção de máquinas para processar os excedentes de produtos primários trazidos das colônias pelas caravelas. Surge aí, uma sociedade totalmente diferente da existente até então, essa data ficará para sempre marcada como o início de uma nova era, na qual avançará rumo a uma revolução tecnológica, essa data é a Revolução Industrial surgida na Europa em meados do século XVIII.

“ os avanços na física, química, história natural, a invenção do motor a vapor, com a transformação da indústria de tecidos pela introdução das máquinas, a siderurgia, os navios a vapor, as ferrovias e, mais tarde, a eletricidade e os automóveis movidos a petróleo. (...). Ao capitalismo mercantilista sucede o industrial, que liquida o monopólio dos ibéricos e força a abertura de portos ao comércio britânico. A integração do planeta se eleva de alguns graus”.<sup>1</sup>

Com esse novo período, foi possível que a média de vida dobrasse em apenas três gerações.

“As grandes invenções medievais, o salto científico e artístico cumprido pelos gênios do Renascimento, o impulso técnico-social que imprimiram Bacon e Descartes, a abertura de horizontes devido à descoberta da América e às outras grandes viagens e o

---

<sup>1</sup> Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE. A crise dos 500 anos: O Brasil e a globalização da economia. Coleção CIEE; nº 26, São Paulo, 1999, p. 20. Palestra proferida por Rubens Ricupero.

acúmulo de riquezas obtido graças às conquistas coloniais criaram a corrida necessária ao Ocidente para cumprir o salto épico para uma sociedade industrial.”<sup>2</sup>

E Domenico De Masi acrescenta em outro livro seu, *O Ócio Criativo*, outra prova do prolongamento de vida, proporcionado pela tecnologia. “Os nossos bisavós trabalhavam durante quase a metade de sua vida. Na segunda metade do século XIX, a vida média dos homens era de trinta e quatro anos, e a das mulheres, de trinta e cinco: menos da metade da atual expectativa de vida.

“Segundo as hipóteses dos paleontólogos mais respeitados, o homem de Neandhertal vivia em média vinte e nove anos. Portanto, a expectativa de vida entre ele e nossos bisavós aumentou somente de cinco ou seis anos, segundo o sexo, ou longo de oitocentas gerações. Agora, em apenas duas gerações, aumentou de quarenta anos, e cada um de nós trabalha só durante um décimo da própria vida”.<sup>3</sup>

Esta época fez definitivamente a indústria tomar o lugar da importância que a agricultura tinha neste período. Desse modo, para produzir necessitava da mão de obra da agricultura, fato que levou milhares de trabalhadores para a indústria fazendo a cidade assumir a importância que têm até os dias de hoje.

“Com o nascimento da indústria iniciou-se um dos maiores empreendimentos da espécie humana, comparável à invenção da agricultura há dez mil anos.”<sup>4</sup>

O modo de produção mudou com a transferência da produção para lugares definitivos (fábricas) e não mais junto ao lar. Foi nessa época que as cidades cresceram, antes disso apenas Roma possuía mais de um milhão de habitantes, pois os poucos anos de transição da agricultura para a indústria, houve uma concentração da população camponesa nas cidades industriais que iam em busca de emprego que era a grande atração que as cidades exerciam. Conheceu-se uma hierarquia trabalhista, entre patrão e empregado, uma vez que o trabalho virou uma mercadoria, comercializada e paga com o salário.

---

<sup>2</sup> De Masi, Domenico. *O Futuro do Trabalho*. Editora José Olympio / Editora da UnB. Rio de Janeiro / Brasília, 1999, p. 116.

<sup>3</sup> De Masi, Domenico. *O Ócio Criativo*. Editora Sextante. Rio de Janeiro, 2000, p. 59.

<sup>4</sup> De Masi, Domenico. *O Futuro do Trabalho*. Editora José Olympio / Editora da UnB. Rio de Janeiro / Brasília, 1999, p. 126.

A produção era vendida e não mais feita na base da troca, o trabalho era nitidamente separado das atividades domésticas, uma vez que a hora de trabalhar era exclusivamente para isso e a hora do descanso era para descanso.

Foi nesse período nos fins do século XVIII e início do século XX, que Ford e Taylor desenvolveram e aplicaram suas teses de organização industrial que visava eliminar as deficiências do sistema produtivo como: produzir mais em menos tempo, ou seja, aproveitar ao máximo a eficiência da organização trabalhista. Desse modo para ser aproveitado ao máximo o trabalho estabeleceu que o trabalho será exercido de uma maneira rotineira, sempre no mesmo lugar, afim de, evitar que se perdesse tempo de andar entre os vários setores afim de exercer uma segunda atividade, nascia assim a linha de montagem, que Adam Smith já havia descrito no livro *A Riqueza das Nações* dando como exemplo uma produção de alfinetes.

A industrialização, período esse compreendido entre os séculos XVIII e XX, ficou caracterizado em alguns aspectos como: maior números de trabalhadores no setor secundário da economia, importância principal deste setor na formação da renda nacional, aplicação na indústria das descobertas científicas, urbanização, separação entre local de trabalho e de vida, rápido progresso social, se comparado com a era pré-industrial.

## **2.1 Princípios Industriais <sup>5</sup>**

Na sociedade industrial, foi necessário implantar alguns princípios, com o intuito de proporcionar o bom funcionamento da atividade industrial, uma vez que antes o trabalho agrícola e artesanal eram livres. Agora que o trabalho é realizado dentro de fábricas, o trabalhador deve exercer apenas a atividade que lhe foi proposto não havendo contato com o mundo exterior. Portanto os princípios visam uma harmonização entre empregado e empregador.

---

<sup>5</sup> De Mais, Domenico. *O Ócio Crlativo*. Editora Sextante. Rio de Janelro. 2000, cap. 3

Quase todos os princípios foram descobertos e aperfeiçoados por Taylor, grande cientista que mudou as relações da atividade industrial.

- a) **Estandarização** - A estandarização consiste na padronização dos produtos, ou seja, produzir sempre um modelo de produto, dessa forma esses produtos poderiam ser adquiridos em outras lojas, pois o fabricante seria um fornecedor para várias lojas diferentes que venderiam seus produtos feitos em série. Isso proporcionaria uma redução nos custos de produção e um melhor aproveitamento do tempo, uma vez que o projeto do produto já estaria pronto. Exemplo clássico de estandarização é o Modelo T, carro do Ford, que possuía apenas uma cor (preto).
  
- b) **Especialização Profissional** - Com a estandarização dos produtos torna necessário a especialização profissional, pois para produzir sempre os mesmos produtos os trabalhadores se deveriam cada vez mais ter amplos conhecimentos do trabalho realizado. Agora onde um trabalhador produzia vários produtos conhecendo várias etapas de produção deveria apenas conhecer uma, pois exerceria apenas aquela função na linha de produção. Com isso foram criados dentro das fábricas departamento especializados em apenas uma função, exigindo dessa forma trabalhadores especializados naquelas funções. Domenico De Mais, em seu livro *O Ócio Criativo*, fala que nesta época até as cidades se especializam, existindo bairros industriais onde se produz, outros comerciais onde se vende, enquanto outros são exclusivamente residenciais onde se descansa.
  
- c) **Sincronização** - Outro princípio importante da atividade industrial é a sincronização, que basicamente visa uma harmonia entre os vários setores de produção, ou seja, quando um setor demanda uma função da outra, essa deve estar pronta para atendê-la. Entre os trabalhadores também deve haver essa sincronização, como respeitar os horários de início e fim da

jornada de trabalho, uma sincronização que não existia na sociedade pré industrial, pois o trabalho era exercido nas próprias moradias e no horário que melhor lhe convinha.

- d) **Maximização** - Consistia no melhor aproveitamento do tempo do trabalho humano, ou melhor, produzir o maior número de produtos no menor espaço de tempo, tornando cada vez mais o trabalho sobrecarregado. Esse princípio fez com que surgisse a mecanização e a robotização das fábricas. Pois as máquinas são muito mais eficientes que o trabalho humano.
  
- e) **Concentração** - A concentração reduz o custo de produção, pois proporciona economia de escala à indústria, como por exemplo reduzir o números de fábricas fundindo em apenas uma unidade, proporciona uma economia de trabalho diminuindo o número de dirigentes, e de empregados. Outra economia será redução dos encargos fiscais, aluguéis e tarifas públicas.
  
- f) **Centralização** - O último princípio na produção industrial é a centralização, que basicamente a centralização das decisões e tarefas na produção, ou seja, há na fábrica quem pensa e decide, e quem executa o trabalho. Poderia ser também chamado de hierarquia administrativa, com aquela famosa pirâmide em que no topo todos sabem e todos podem. No pós-industrial, esse princípio se modifica, pois hoje os trabalhadores desde o mais baixo escalão, podem dar idéias que poderão melhorar o funcionamento da atividade industrial.

### 3 O Mercado de Trabalho na Era Pós Industrial

Não existe um momento exato da mudança da era industrial para a pós-industrial, o mesmo aconteceu anteriormente quando passamos da era agrícola para a industrial, isso ocorre quando o próprio sistema econômico necessita de mudanças. Em algumas sociedades essas mudanças ocorrem mais tardiamente do que outras.

Porém, elas acontecem com uma velocidade cada vez mais rápida, sendo que a passagem da sociedade rural para a industrial perdurou por milênios, enquanto que a transição da sociedade industrial para a pós industrial, durou aproximadamente dois séculos, uma das características dessa transição pode-se verificar pelo crescente predomínio do setor terciário sobre o secundário, pois esse assume como principal setor na formação da renda nacional e em número de empregados.

“ Cada revolução tecnológica aporta tecnologias novas, assim como novas práticas de organização que dão lugar a um aumento significativo da produtividade e da maioria das atividades existentes”.<sup>6</sup>

Devido à algumas tecnologias aplicadas na indústria, sobretudo a informática e a robótica, houve uma menor demanda por trabalhadores na indústria uma vez que as máquinas substituíram o trabalho humano, com maior eficiência e produtividade.

Esse avanço da informática não fica restrito às indústrias, mas também à agricultura e ao setor terciário que demandam cada vez menos trabalho, elevando dessa forma os índices de desemprego.

Porém essa redução no número de postos de trabalho se contrapõe ao crescente número da produção, seja ela tanto quantitativamente como qualitativamente.

“à diminuição do número de pessoas a ela dedicada se contrapõe um forte aumento da produção. A sociedade não mais industrial disporá dos produtos da indústria em quantidade não muito maior do que dispunha a sociedade industrial o os produzirá sobretudo por meio de máquinas(...)”<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Perez, Carlota. Cambio tecnológico y oportunidades de desarrollo como blanco móvil. Revista da Cepal, n.º 75, 2001, p. 123.

<sup>7</sup> De Masi, Domenico. O Futuro do Trabalho. Editora José Olympio / Editora da UnB, Rio de Janeiro / Brasília, 1999, p. 168.

Todas as tecnologias, possui uma vida útil, e depois muitas vezes desaparecem, dando lugar a outras novas tecnologias, Carlota Perez, em um texto publicado na revista da Cepal, desenvolve essa idéia, e fala que no início as tecnologias tendem a usar mais capital humano e uma mão-de-obra mais cara.

Porém quando se aproxima da maturidade – da tecnologia – o processo se torna mais robotizado e automatizado, utilizando menos mão-de-obra humana. Isso porque a nova tecnologia, ao longo de sua vida vai ganhando aperfeiçoamentos afim de reduzir custo e ganhar maior eficiência, e conseqüentemente gera desemprego.<sup>8</sup>

Muitos historiadores sobre o assunto previam que uma retomada no crescimento resolveria a questão do desemprego (teóricos ligados a Keynes), porém ocorre justamente o contrário, os investimentos muitas vezes geram o desemprego, pois as indústrias adquirem máquinas ou investem no mercado financeiro, que muitas vezes é muito mais atrativo e seguro os retornos devido aos altos juros, e isso agravando ainda mais desemprego.

Na sociedade industrial, uma injeção de investimento e um aumento do poder aquisitivo da população, estimulava o aumento do emprego. Também os trabalhadores eram pouco qualificados, o que proporcionava um remanejamento de suas funções, uma vez que as próprias funções não demandavam amplos conhecimentos. Porém atualmente é mais complicado, pois novas funções exigem maior qualificação profissional, e novos investimentos são atraídos para o sistema financeiro, não mais para a produção. O desemprego deixou de ser quantitativo para se tornar qualitativo.

Não se pode culpar apenas o uso de novas tecnologias que substituem mão-de-obra nas fábricas para justificar o desemprego, os altos juros cobrados afim de conter a inflação também é importante destacar. “Estamos vivendo a época do dinheiro, não do capitalismo, nem da indústria, nem do carro novo, e sim do banco e do CDB”<sup>9</sup>. Verifica-se que a contenção da inflação é mais importante na política atual do que o desemprego.

---

<sup>8</sup> Perez, Carlota. Cambio Tecnológico y oportunidades de desarrollo como blanco móvil. Revista de La Cepal, n.º 75. 2001, p. 117.

<sup>9</sup> Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Proposta para a tomada do desenvolvimento sustentável. Coleção CIEE, nº 28, São Paulo, 1999, p. 18. Palestra proferida por João Sayd.

Também as indústrias com boa saúde financeira também demitem, ao contrário de antes, que demitia apenas quando as empresas passavam por alguma crise.

“A trama entre inovação tecnológica e trabalho humano para produzir aquilo que o mercado de vez em quando deseja, progride historicamente para que sempre menos trabalho seja preciso para fabricar sempre mais objetos e para prestar sempre mais serviços. No passado, eram as empresas em crise que cortavam o quadro de funcionários; hoje as empresas bem sucedidas também demitem os empregados porque podem se dar ao luxo de tecnologias mais sofisticadas e, portanto, mais aptas a substituir a mão de obra”.<sup>10</sup>

Não obstante ainda, os postos fechados por essas indústrias definitivamente desaparecem, substituídas por máquinas, proporcionando o desemprego estrutural, que consiste na falta de postos de trabalho, o tipo de desemprego mais grave.

Novos paradigmas foram incorporados nas indústrias como terceirizar funções não ligadas a produção como serviços de limpeza e alimentação. Dessa forma, observa-se a migração dos trabalhadores para o setor terceário da economia, pois serviços terceirizados na indústria geralmente corresponde a trabalho enquadrado no setor de serviços.

O que se encontra atualmente dentro das fábricas, é um reduzido número de trabalhadores, sendo esses altamente instruídos, especializados, e versáteis que operam máquinas cada vez mais sofisticadas, somente comandando botões e teclas, sem realizar nenhum esforço físico e repetitivo, trabalho esse, agora delegado às máquinas.

Outra realidade é de que o número de funcionários quase que ultrapassa o número de operários, ou seja, o que se chama de “colarinho branco”, existe atualmente em maior número do que os operários propriamente dito.

“na IBM Itália, (...) já em 1990, de 13.488 empregados só 3.647 dedicavam à produção, em 1996 de 10.000 apenas 600 executavam tarefas de algum modo semelhante á do operário(...).<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> De Masi, Domenico. Desenvolvimento sem Trabalho. Editora Esfera, São Paulo, 2ª Edição, 1999, p. 9.

<sup>11</sup> De Masi, Domenico. O Futuro do Trabalho. Editora José Olympio / Editora da UnB, Rio de Janeiro / Brasília, 2ª Edição, 1999, p. 171-172.

Atualmente um profissional para conseguir uma boa colocação deve ser versátil, dinâmico, conhecer várias áreas de trabalho, ao contrário do que consistia antes, em que profissionais especializados em uma determinada área de produção eram melhor remunerados e com postos de trabalho mais bem reconhecidos.

Hoje cada vez menos se trabalha com esforço físico, pois as atividades mais valorizadas são as atividades criativas, ao contrário do que acontecia até então, por isso, verifica-se cada vez mais o aumento dos cargos que demandam criatividade para o desenvolvimento da atividade produtiva.

“Atualmente na escola de executivos da Telekom, a empresa estatal italiana de telefonia, os engenheiros fazem cursos de atualização que duram nove meses. Mas, no final do curso, parte do que aprenderam já se tornou ultrapassado, porque no meio do tempo um novo tipo de celular ou fibra ótica foi introduzido no mercado.”<sup>12</sup>

O fato é que a velocidade das mudanças ocorrem cada vez mais rápido no conhecimento da humanidade, um médico têm cada vez mais matérias que são descobertas hoje do que um há algumas décadas atrás. Veja por exemplo, o mapeamento do código genético humano que irá aumentar muito o conhecimento na área de medicina. Outro exemplo de velocidade, pode se dar nas eras econômicas, em que a agricultura atravessou nove séculos para iniciar uma nova época até a indústria tomar o seu lugar, por outro lado a indústria levou apenas dois séculos para chegar na era pós industrial.

“Provavelmente, não existe época onde não tenha havido uma transição, porém nem todas as épocas mudam com a mesma intensidade e com a mesma velocidade. Muitas vezes temos sensação de que, em dez anos se faz mais história do que num século. Nos últimos dez anos, por exemplo, com a queda do muro de Berlim e com a difusão do fax, do telefone celular, da tomografia computadorizada e da internet, vivemos uma evolução tecnológica mais intensa do que nas fases lentas e longas da Idade Média.”<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> De Masi, Domenico. O Ócio Criativo. Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2000, p. 58.

<sup>13</sup> De Masi, Domenico. O Ócio Criativo. Editora Sextante. Rio de Janeiro, 2000, p. 20.

O mesmo ocorre com o mercado de trabalho, a atualização constante dos conhecimentos, novos cursos e aprendizagem garante de uma certa forma de se manter no mercado de trabalho. O fato é que a tecnologia cria novas profissões enquanto eliminam outras, como os torneiros mecânicos substituídos por um *web designer* que projeta pelo computador as novas peças.

Carlota Perez, em seu texto publicado na Revista da Cepal, diz ainda que precisa-se de uma reforma completa nos sistemas de educação com capacitação na ciência e na tecnologia, para enfrentar o problema do desemprego e do desenvolvimento econômico. Esta reforma deve atualizar e melhorar a qualidade dos programas técnicos e ainda mais, transformar radicalmente os métodos e objetivos de ensino. E acrescenta; deve-se aprender a usar o trabalho criador, aprender a articular problemas e resolver soluções; é a condicionante básica para conseguir um lugar no mercado de trabalho, pois as empresas estão em constante processo de inovação, e os trabalhadores devem possuir essa característica de adaptação e versatilidade atualmente.<sup>14</sup>

Entretanto, com a menor oferta de trabalho, os jovens estão se aperfeiçoando cada vez mais, o que ocasiona o ingresso cada vez mais tarde, no mercado de trabalho, uma forma de minimizar o desemprego. Com isso o tempo dedicado ao trabalho diminui com o passar do tempo, e aumenta o tempo dedicado ao lazer, estudos, etc.

“Nas sociedades industriais, entretanto, a mecanização e a automação determinam a exclusão do trabalho de muitas pessoas e fazem com que a adolescência e a juventude tenham a tendência de se prolongar cada vez mais.”<sup>15</sup>

Sendo assim, a demanda de trabalho do setor terciário tende a crescer com o prolongamento da vida e do tempo disponível para as mais variadas atividades, sobretudo esse crescimento ocorre no setor de turismo, entretenimento, saúde,

---

<sup>14</sup> Perez, Carlota. Cambio tecnológico y oportunidades de desarrollo como blanco móvil. Revista de la Cepal, n.º 75, 2001, p. 132.

<sup>15</sup> De Masi. Domenico. O Futuro do Trabalho. Editora José Olympio / Editora da UnB, Rio de Janeiro / Brasília, 2ª Edição, 1999, p. 210.

educação, estão em plena expansão atualmente, promovendo a migração de trabalhadores da indústria para o de serviços.

Outro item importante, é capacitar pessoas para exercer essas funções da sociedade pós industrial, atuando na prestação de serviços assistenciais – que demandam muitas pessoas – como por exemplo, ajudar e cuidar de pessoa idosa, crianças, proporcionando serviços de saúde, segurança, treinamento, lazer e recreação, turismo, etc.

A reestruturação capitalista de produção no pós industrial pode ser verificada com mais detalhes nos Quadros I e II, com as novas características observadas atualmente na economia, sejam elas em todos os setores

## Quadro I

### Características da atual estratégia de reestruturação capitalista

Características	Conteúdo	Efeitos	
		Emprego	Outros
Condução empresarial	Desverticalização da produção, focalização em atividades competitivas e lançamentos de novos e diversificados produtos	Redução do emprego direto e maior subcontratação de trabalhadores	Produtividade aumenta.
Investimento em tecnologia	Mudanças da base técnica de produção.	Redução do emprego direto na produção.	Produtividade e qualidade aumenta.
Novas relações de produção	Alteração da organização da produção ( <i>just in time</i> , <i>lay out</i> , logística, redução do tamanho da planta, terceirização e parcerias com fornecedores	Redução do emprego no controle de qualidade, na manutenção, na administração e controle de estoques, entre outros.	Rapidez nas decisões sobre o que e quanto produzir.
Novas formas de gestão dos recursos humanos	Alteração da organização interna do trabalho, com redução de hierarquia, trabalho em <i>ilhas</i> , trabalho mais qualificado no núcleo estável e pouco qualificado nas atividades secundárias.	Redução do emprego nos segmentos administrativos e de supervisão.	Maior treinamento dos empregados, eventual estabilidade e alteração na jornada de trabalho, informatização do trabalho nos postos secundários.
Mudanças no sistema de relações de trabalho	Formas participativas nas decisões empresariais, com incentivos monetários de acordo com meta de produção negociação descentralizada para o núcleo estável dos empregados, tendo a remuneração nos postos secundários a referência no salário mínimo e a perda de vantagens sociais.	Redução do emprego nas regular nas atividades secundárias (segurança, alimentação, transporte, limpeza, entre outros).	Maior disciplina e eficiência no trabalho, com crescimento do espírito de corpo dos funcionários.

Fonte: Pochmann, Marcio. *O Trabalho sob fogo cruzado*. 1ª Edição. São Paulo. Editora Contexto, 2000, p. 35-36

## Quadro II

### Características da Economia Pós Industrial

Características	Industrial	Pós Industrial
Fatores de Produção	Terra, Mão de Obra, Matéria-Prima, Capital	Conhecimento, Informação, Imagem, Símbolos, Ideologias, Valores
Valores	Edifícios, Máquinas, Ações, Estoques	Patentes, Idéias, Percepções, Informação, Banco de Dados
Produção	Massificada (Mão de Obra, Linha de Montagem), Homogênea, Economias de Escalas, Inovações Baixa	Personalizada, Robotizada, Heterogêneo, Inovação constante, Tecnológica, <i>Marketing</i> , Economias de Velocidade.
Trabalho	Baixa Qualificação, Repetitiva, Braçal, Direto.	Alta Qualificação, Criativo, Versátil, Mental, Indireto.

Fonte: Toffler, Alvin e Heidi. Criando uma nova civilização: a política da terceira onda. Rio de Janeiro, Editora Record, 1995, cap. 5.

Como se pode verificar no Quadro I, todas as características de produção visam a redução de postos de trabalho, enquanto que o aumento de produtividade cresce na mesma proporção de que aumenta o desemprego, devido aos investimentos em tecnologias e técnicas novas tanto de produção como de administração.

Esta massa de desempregados, tende a se deslocar para o setor de serviços, porém este setor também está adotando métodos de trabalho que visam a redução no quadro de pessoal, agravando o desemprego. Esse problema não foi verificado no início da industrialização do século XVII, pois os desempregados da agricultura migravam para a indústria, e agora os desempregados da indústria não estão migrando com a mesma intensidade para o setor de serviços, pois a redução dos empregos também ocorre neste setor.

O Quadro III, demonstra os efeitos sobre o mercado de trabalho, com a adoção das estratégias de reestruturação.

### Quadro III

#### Reestruturação capitalista e efeitos sobre o mundo do trabalho

Efeitos	Conteúdo
Declínio do trabalho na produção	A agricultura com o mínimo de ocupados, a indústria perde participação absoluta e relativa no emprego total, enquanto os serviços privados reduzem seu quadro de pessoal devido aos investimentos em tecnologia, que são racionalizadores de mão de obra. O emprego público é comprimido pelas políticas neoliberais.
Modificação na natureza do trabalho	Drástica redução nas atividades manuais tradicionais e expansão do emprego com múltiplas especializações funcionais.
Modificação no significado do trabalho	As habilidades tornam-se rapidamente obsoletas, cresce o individualismo e diminuem os laços de solidariedade entre os empregados e os desempregados.
Modificação no conteúdo do trabalho	Torna-se cada vez maior a contradição entre o trabalho como meio de satisfação das necessidades sociais coletivas e meio de subsistência individual. Aumento do terceiro setor, <i>non profit sector</i> etc.
Mudanças no mercado de trabalho (insegurança no trabalho, no emprego e na renda)	Crescem os requisitos de qualificação na contratação redução do emprego estável, emprego para poucos, maior desemprego e subemprego, ocupações atípicas, individualização do salário e associação às metas de produção e vendas.
Mudança nas relações de trabalho	Movimento de descentralização das negociações coletivas e insegurança na representação sindical, com queda na taxa de sindicalização e nas greves.

Fonte: Pochmann, Marcio. O trabalho sob fogo cruzado. 1ª Edição. São Paulo. Editora Contexto, 2000, p. 36-37.

A economia da sociedade pós industrial é hoje em resumo, uma sociedade que utiliza cada vez menos materiais (átomo) e cada vez mais trabalha-se com *bits* (de informação), que se interagem entre computadores e celulares pelo mundo todo. Essa sociedade econômica atual, possui basicamente quatro características: 1) alta velocidade; 2) alta intensidade em conhecimento e já não mais em capital, mão-de-obra e recursos naturais; 3) predominantemente transacional; e 4) extremamente competitiva.

## 4 O Mercado de Trabalho no Brasil

No pós-guerra, o mercado de trabalho brasileiro, possui dois períodos distintos, até 1980 e o pós 80. No primeiro período o país verifica uma expansão dos empregos, sobretudo no setor industrial amparado pelo Estado, como grande parceiro nos investimento na idéia da substituição das importações.

Desses empregos gerados, uma taxa elevada era com registro em carteira, taxa essa que chegava a 80% do total de novos empregos. O setor industrial foi o grande responsável por esse aumento, neste período o setor industriai representa 30,2% da participação na mão de obra nacional, em 1980 essa taxa chega a 36,2%.

Setores da indústria como a indústria de base e pesada, tiveram grande impulso, gerando oportunidades para outras indústrias se instalarem no país. A indústria automobilística, foi uma das beneficiadas, que são muito importantes para o desenvolvimento do país, sobretudo para o mercado de trabalho, sendo grande demandante por trabalho. Essa indústria se instalou com uma grande leva de outras indústrias que se instalam junto com as montadoras, empresas produtoras de autopeças e acessórios. Neste período, essa indústria era muito diferente da que encontramos hoje, em que a robótica está por todo lado, e um esvaziamento humano é verificado no interior dessas montadoras.

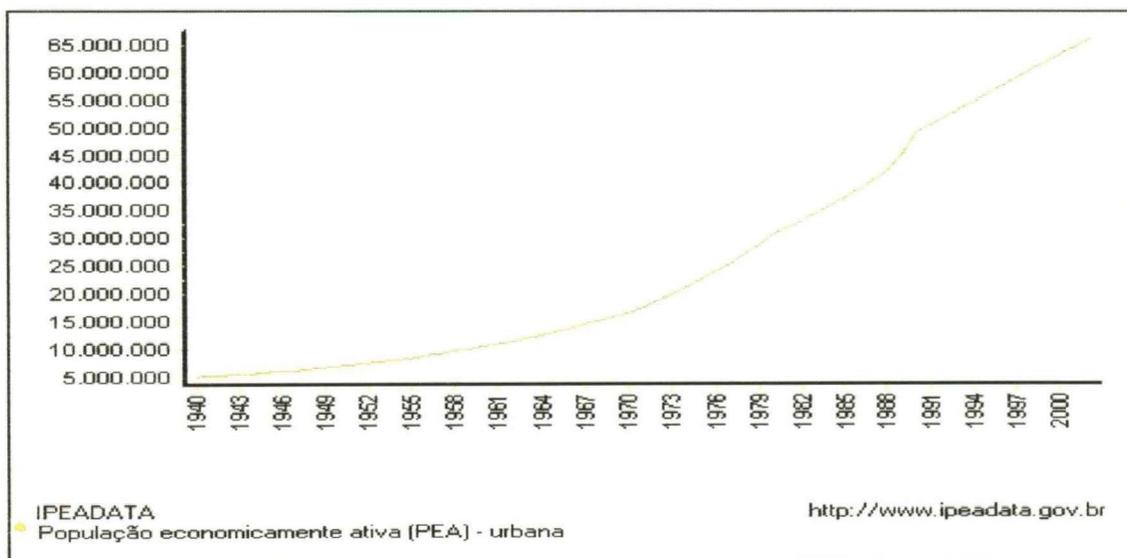
Em 1980, o Brasil inicia uma reestruturação no mercado de trabalho, ocasionado por instabilidades de ordem externa, sobretudo com a dívida externa, gerando escassez de investimentos e por seguinte uma redução na atividade econômica ocasionando desemprego. Por outro lado a indústria brasileira adquire um certo amadurecimento, ou seja, o parque industrial estava formado, porém com uma tecnologia ultrapassada em comparação a outros países. Tecnologia obsoleta, que com a economia fechada não via necessidade de atualização para competição com produtos importados. Quem não lembra dessa época que os nossos automóveis eram comparados a carroças?

Junto com a recessão de 82/83 o país atravessará uma década sem grande crescimento, nem um pouco comparado com o período de crescimento das décadas de 40/80, com o auge em 1973.

Com o setor secundário estagnado, o número de empregos gerado diminuiu provocando uma migração para o setor terciário, provocando o desemprego pela pouca capacidade de absorção deste contingente de desempregados da indústria que começa a demitir.

O desemprego foi maior devido, ao ingresso de novos trabalhadores que antes não trabalhavam, como mulheres, o que contribuiu para a evolução da população economicamente ativa (PEA), aumentando assim o desemprego, no gráfico abaixo verificamos um aumento da PEA, no decorrer a partir da década de 40, porém antes do pós-guerra.

**Gráfico I**  
**População economicamente ativa – urbana**  
**1940 – 2000**

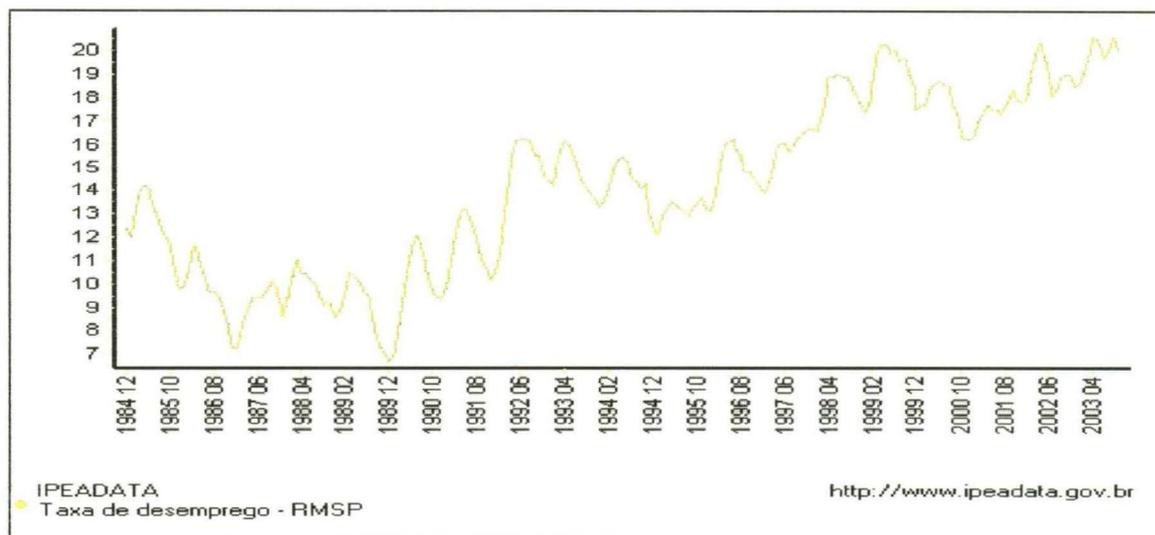


Este fenômeno foi maior e mais sentido na década de 90, iniciado no governo Collor, provocado pela abertura econômica ao mundo do Brasil. A indústria com tecnologia e métodos de produção defasado em comparação aos países desenvolvidos, sofre uma grande concorrência dos produtos importados, obrigando o setor a se adaptar a nova realidade. O enxugamento de pessoal e os investimentos em tecnologia foram intensos para enfrentar a concorrência.

A intensa substituição do homem por máquina atinge o Brasil com severidade, uma metodologia que em outros países principalmente desenvolvidos, já haviam sentido há algumas décadas antes. O Brasil sente uma redução no emprego com registro, bem ao contrário do apresentado anterior à 1980, em que consistia na maioria dos empregos com carteira assinada.

Como demonstra o gráfico II, o desemprego toma maiores proporções, a partir do momento em que o Brasil se abre para o exterior em 1990, pois para a competição da indústria nacional com a estrangeira, necessita de uma reestruturação que começa com a redução dos custos e maior produtividade, ocasionando dessa forma desemprego como se verifica na taxa de desemprego da Região Metropolitana de São Paulo, no Gráfico II.

**Gráfico II**  
**Taxa de desemprego na RMSP - 1984 - 2003**



A desestatização das empresas públicas, contribuiu para o desemprego nos anos 90, uma vez que essas empresas proporcionaram uma certa estabilidade para os trabalhadores, porém com a privatização essa segurança desapareceu. O que verificamos hoje é uma certa insegurança no trabalho, uma vez que a oferta de mão de obra é abundante.

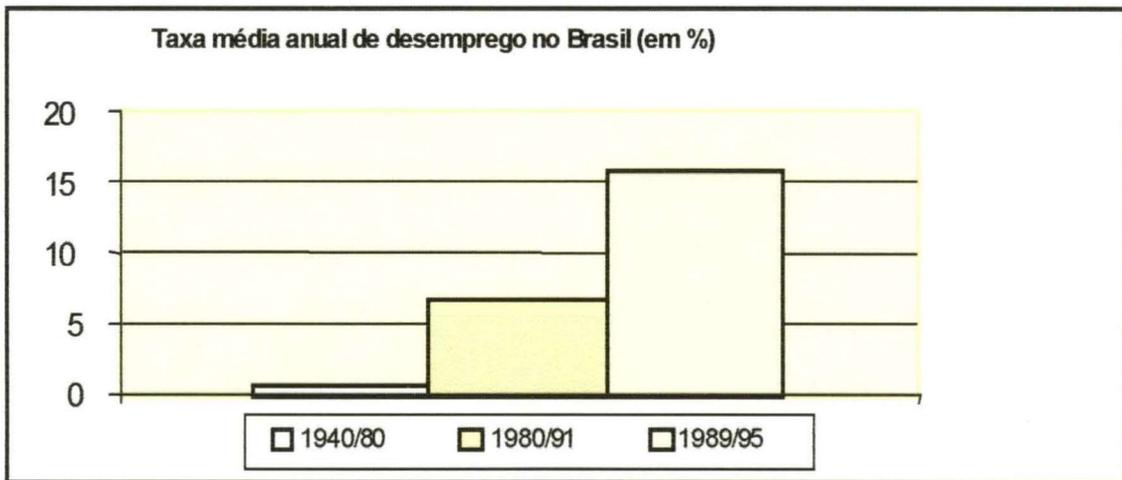
O setor industrial sofre uma redução na participação dos empregos passando de 20,2% em 1980 para 14,6% em 1991. Enquanto que o setor terciário foi o grande responsável pela criação de novos empregos, porém para a absorção desses trabalhadores necessita de uma requalificação da mão de obra vinda da indústria.

A reestruturação na indústria ocorre nos moldes da globalização, como o exugamento das atividades não vinculadas à produção, como a terceirização – se por um lado gerou desemprego no setor industrial, gerou emprego no setor de serviços -, novas tecnologias; novos métodos de produção, como *just in time*, em que parte da produção é realizada por outras empresas.

Por outro lado, essa mecanização e a tecnologia empregada, contribuiu para o aumento da produtividade e reduziu custos da indústria nacional, competindo dessa forma de igual com produtos externos e até em mercados estrangeiros.

Porém o desemprego continua a representar o maior problema do mercado de trabalho da atualidade, uma tendência mundial, e alarmante com um aumento drástico e contínuo, como se verifica no gráfico do desemprego no Brasil

**Gráfico III**



Fonte: IBGE

Existe também uma precarização no mercado de trabalho, que consiste no trabalho pouco qualificado, com baixos salários e sem carteira assinada, contratos temporários. Pois o que acarreta essa crescente massa de desempregados é também ocasionado pela legislação trabalhista que vêm do período de Getúlio Vargas, dificultando os contratos de trabalho aos moldes da atualidade. Uma flexibilização nas leis trabalhistas, permitiria um maior número de empregos, uma vez que essas leis assustam empresários, substituindo a mão de obra por capitais – máquinas – que não possuem encargos trabalhistas como um trabalhador. Encargos que devem ser revistos e adaptados com o mercado de trabalho da atualidade que impedem novos contratos.

## 4.1 As Políticas de Emprego no Brasil

No pós industrial, o mundo convive com taxas de desemprego assustadoras, refletida pela mudança da estrutura de trabalho em todos os setores da economia, seja tanto no industrial, agrícola como no de serviços. O Brasil, apesar do crescimento no emprego nas décadas de 50 a 80, também precisa procurar solucionar e amenizar o problema do desemprego que hoje se encontra globalizado.

No período de auge de crescimento econômico brasileiro do período anterior a 80, as políticas de emprego praticamente inexisteram, uma vez que a demanda de trabalho era sustentadora na economia. Com a crise da dívida a partir da década de 80 e conseqüentemente o baixo crescimento econômico, uma vez que o investimento do Estado se tornou escasso em comparação ao período anterior. Com políticas voltadas para o combate à inflação, que crescia progressivamente, e a reestruturação dos mercados, contribuíram para aumentar o desemprego. Uma precarização dos postos de trabalhos também foi sentida junto com uma redução da renda do trabalhador.

Como o emprego é uma variável básica do crescimento econômico, o Estado precisou tomar medidas, afim de conter o desemprego e melhorar as condições de trabalho. É a partir dessa época que políticas voltadas ao trabalho é que ganham importância na política brasileira.

Essa políticas consistem em duas: ativas e compensatórias. As políticas ativas, visam manter, qualificar e ampliar os postos de trabalho, enquanto que as políticas compensatória, são para propiciar o apoio as pessoas desempregadas.

As políticas ativas no Brasil que também podem ser chamadas de políticas estruturais, uma vez que atinge a estrutura da mercado de trabalho em si, como aumento e melhora nos postos de trabalho, visam permitir um melhoramento na estrutura do trabalho.

“Políticas neste grupo incluem programas de crédito produtivo a micro e pequenas empresas como o Pronaf e o Proger, programas de treinamento profissional como o Planfor e os oferecidos pelo sistema “S”, e programas de intermediação de mão de obra como os oferecidos pelo Sine. Ou seja, políticas que

## 4.1 As Políticas de Emprego no Brasil

No pós industrial, o mundo convive com taxas de desemprego assustadoras, refletida pela mudança da estrutura de trabalho em todos os setores da economia, seja tanto no industrial, agrícola como no de serviços. O Brasil, apesar do crescimento no emprego nas décadas de 50 a 80, também precisa procurar solucionar e amenizar o problema do desemprego que hoje se encontra globalizado.

No período de auge de crescimento econômico brasileiro do período anterior a 80, as políticas de emprego praticamente inexistiam, uma vez que a demanda de trabalho era sustentadora na economia. Com a crise da dívida a partir da década de 80 e conseqüentemente o baixo crescimento econômico, uma vez que o investimento do Estado se tornou escasso em comparação ao período anterior. Com políticas voltadas para o combate à inflação, que crescia progressivamente, e a reestruturação dos mercados, contribuíram para aumentar o desemprego. Uma precarização dos postos de trabalhos também foi sentida junto com uma redução da renda do trabalhador.

Como o emprego é uma variável básica do crescimento econômico, o Estado precisou tomar medidas, afim de conter o desemprego e melhorar as condições de trabalho. É a partir dessa época que políticas voltadas ao trabalho é que ganham importância na política brasileira.

Essa políticas consistem em duas: ativas e compensatórias. As políticas ativas, visam manter, qualificar e ampliar os postos de trabalho, enquanto que as políticas compensatória, são para propiciar o apoio as pessoas desempregadas.

As políticas ativas no Brasil que também podem ser chamadas de políticas estruturais, uma vez que atinge a estrutura da mercado de trabalho em si, como aumento e melhora nos postos de trabalho, visam permitir um melhoramento na estrutura do trabalho.

“Políticas neste grupo incluem programas de crédito produtivo a micro e pequenas empresas como o Pronaf e o Proger, programas de treinamento profissional como o Planfor e os oferecidos pelo sistema “S”, e programas de intermediação de mão de obra como os oferecidos pelo Sine. Ou seja, políticas que

## Quadro V

### Estratégias de Emprego em economias avançadas e no Brasil

Itens	Economias avançadas	Brasil
Padrão de desenvolvimento	Economias maduras, com mediadas voltadas para a sustentação do crescimento econômico.	Economia em construção, com medidas voltadas para a sustentação do crescimento econômico.
Pesquisas e desenvolvimento tecnológico	Concentradas nas grandes empresas transacionais, porém com gastos de recursos pelas empresas estatais e algumas empresas privadas nacionais e montagem de um núcleo de mão de obra qualificada.	Cada vez mais dependente e subordinado à tecnologia estrangeira (corporações transacionais), com escassos gastos pelo poder público e empresas privadas nacionais e desmobilizada do núcleo qualificada.
Políticas de bem estar social	Estado de bem estar social completo, com elevado grau de inclusão social.	Estado de bem esta social incompleto, com elevado grau de exclusão social.
Sistema de relações de trabalho	Democrático, com organização por local de trabalho e sustentado pela contrato coletivo do trabalho.	Autoritário, sem organizado por local de trabalho e sustentado pelo contrato individual de trabalho.
Políticas de emprego	Mercado de trabalho homogêneo, altas taxa de assalariamento e pleno uso de variadas políticas de emprego.	Mercado de trabalho heterogêneo, média taxa de assalariamento e escasso uso de políticas de emprego.

Fonte: Pochmann, Marcio. O trabalho sob fogo cruzado. 1ª Edição. São Paulo, Editora Contexto, 2000, p. 118.

## 4.2 O Serviço de emprego público

No Brasil o serviço público de emprego pode ser dividido em três conjuntos de atividades para proporcionar a colocação dos desempregados no mercado de trabalho, que são: Intermediação da mão de obra; formação profissional e assistência financeira.

### **4.2.1 Intermediação da Mão de Obra**

Representado pelo Sistema Nacional de Emprego (SINE), criado em 1975, o SINE visa a colocação dos desempregados no mercado de trabalho, ou seja, age como um intermediador entre trabalhadores e empresas. Esse sistema está presente em todo o país, porém nos últimos anos vêm apresentando uma diminuição no desempenho proposto pelo sistema, ocasionado principalmente pela escassez de oferta de trabalho.

Outros órgãos, que trabalham com intermediação de mão de obra, como o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), são representantes principais para a colocação de estudantes no mercado de trabalho, uma vez que as ofertas de emprego são quase que exclusivamente de estágio.

Não pode deixar de lado, a importante função que as agências de emprego possuem hoje na intermediação da mão-de-obra, porém essas agências são em sua maioria de caráter privado.

### **4.2.2 Formação Profissional**

Política que visa à qualificação da mão de obra para acesso ao mercado de trabalho, uma vez que muitas vagas não são preenchidas por falta de trabalhadores qualificados para tal função.

Os principais representantes são do sistema “S” (Senai, Senac, Senat e Senar) que oferecem cursos de qualificação e requalificação, e as escolas técnicas, sejam elas nas três esferas de governo, proporcionam acesso a todos, para um aprendizado profissional, afim de inserir esses trabalhadores no mercado de trabalho, cada vez mais exigente de mão de obra qualificada.

“No Brasil, um maior apelo à educação profissional passou a ocorrer somente nos anos 90, quando passou a contar, com uma nova experiência de qualificação dos trabalhadores. O Plano Nacional de Educação Profissional (Planfor) representa uma estratégia de qualificação desenvolvida de forma descentralizada e em parcerias com diversas instituições, que têm apoio financeiro do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).”<sup>17</sup>

### **4.2.3 Assistência Financeira**

Uma política sobretudo compensatória em que o seguro desemprego visa atender principalmente uma financeira aos desempregados, não proporcionando dessa forma uma inserção no mercado de trabalho, apenas uma garantia de renda até o trabalhador conseguir uma nova colocação, ou seja, um novo emprego.

“No Brasil, o programa do seguro desemprego é muito novo, pois conta com apenas onze anos. Criado em 1986, somente a partir de 1990 começou a vigorar significativamente, passando de 150 mil segurados em 1986 para 2,8 milhões em 1990 e 4,3 milhões em 1996 (...). O seguro desemprego possui tempo reduzido de assistência financeira ao desempregado, (...). Como o seguro desemprego refere-se apenas e tão somente aos trabalhadores assalariados com registro em carteira, há uma boa porção de brasileiros sem nenhum benefício financeiro.”<sup>18</sup>

## **5 A Estrutura do Desemprego**

Em todo o período da história sempre houve desemprego, talvez nunca nenhum país atingiu o tão sonhado pleno emprego que Keynes teorizou, sejam eles os mais variados motivos como o forçado e com por opção.

---

<sup>17</sup> Pochmann, Marcio. O Trabalho sob Fogo Cruzado. Editora Contexto, São Paulo, 2000, p. 124.

<sup>18</sup> Pochmann, Marcio. O Trabalho sob Fogo Cruzado. Editora Contexto, São Paulo, 2000, p. 126-127.

Existem essencialmente 3 tipos de desemprego: <sup>19</sup>

- a) desemprego friccional;
- b) desemprego por descasamento, e;
- c) desemprego estrutural.

### **5.1 Desemprego Friccional**

O desemprego friccional consiste à falta de divulgação/comunicação entre empregadores e trabalhadores, ou seja, nem um nem outro sabe da oferta e demanda respectivamente. Dessa forma, o desemprego é ocasionado pela falta de informação para o preenchimento dessas vagas.

### **5.2 Desemprego por Descasamento**

Ocorre pela falta de qualificação exigida pelas empresas e qualificação ofertada pelos trabalhadores, daí a necessidade de sempre atualizar-se profissionalmente. Assim, dessa forma, um descasamento entre os interesses de ambas as partes, impede o emprego da mão de obra.

### **5.3 Desemprego Estrutural**

É o que está ocorrendo principalmente na era pós-industrial, uma escassez de oferta de trabalho, ou seja, resulta da falta de vagas. Ocorre principalmente quando a taxa de emprego cresce menos que a taxa de demanda por trabalho.

---

<sup>19</sup> Soluções para a questão do emprego. João Paulo dos Reis Velloso, Roberto Cavalcanti de Albuquerque (coordenadores), Francisco Domelles. Et al. . Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 2001, p. 111-112.

O desemprego estrutural é um dos mais difíceis, pois nem sempre o crescimento econômico ocasiona aumento das vagas por trabalho, pois muitas vezes os investimentos são direcionados às máquinas e a tecnologia resultando na substituição da mão de obra humana.

## 6 Conclusão

A redução no número de emprego é fato em uma economia que se torna mais globalizada. Redução que podem ser das mais variados, tanto pela não abertura de novas vagas de trabalho, como pela eliminação dos que existem, substituídos pelas máquinas com alta tecnologia, tanto da informática como da robótica.

Essas vagas eliminadas pelas máquinas, se extingue para sempre, uma vez que esse processo é irreversível. Novas vagas surgem com novos investimentos, porém esse número também foi reduzido, uma vez que os investimentos muitas vezes são direcionados para novas máquinas, não gerando novas vagas como antes eram gerados.

Atualmente a maioria das novas vagas são do setor de serviços, em que novos investimentos geram mais trabalho, ao contrário da indústria e da agricultura. A produtividade da agricultura, cresce a altas taxas, enquanto que o nível de emprego é cada vez menor. Hoje as fazendas são verdadeiras indústrias, voltadas quase que exclusivamente para o setor exportador, sendo assim a competitividade dita as regras desse setor com a redução de custos.

Esta monografia tenta mostrar de uma forma, como se encontra a atual situação do mercado de trabalho, tanto no Brasil, como no mundo, uma vez que as economias se encontram cada vez mais globalizadas e iguais. É feita uma pequena retrospectiva na história da produção e suas consequências para o mercado de trabalho, mas com maior ênfase para o problema do desemprego na era pós-industrial.

Autores como Domenico De Masi e Marcio Pochmann traduzem com conceitos novos essa visão do mercado de trabalho. Esses autores foram uma ótima base de desenvolvimento da monografia, uma vez que com dados e percepções da situação mundial do emprego foram fundamentais para trazer à tona características desse mercado tão importante para o desenvolvimento da economia de todos os países.

## REFERÊNCIAS

- Cambio tecnológico y oportunidades de desarrollo como blanco móvil.** Revista de la Cepal, n.º 75, 2001.
- Soluções para a questão do emprego.** João Paulo dos Reis Velloso, Roberto Cavalcanti de Albuquerque (coordenadores), Francisco Dornelles. Et al. . Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001
- CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA (CIEE). **A crise dos 500 anos: o Brasil e a globalização da economia.** São Paulo, Coleção CIEE, n.º 26, 1999.
- CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA (CIEE). **Proposta para retomada do desenvolvimento sustentável.** São Paulo, Coleção CIEE n.º 28, 1999.
- DE MASI, Domenico. **O Futuro do Trabalho.** 2ª Edição. Rio de Janeiro / Brasília: Editora José Olympio / Editora da UnB, 1999.
- DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo.** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Sextante, 2000.
- DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento sem Trabalho.** 2ª Edição. São Paulo: Editora Esfera, 1999.
- POCHMANN, Marcio. **O Trabalho sob Fogo Cruzado.** 1ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2000.
- TOFFLER, Alvin e Heidi. **Criando uma nova civilização: a política do terceira onda.** Rio de Janeiro, Editora Record, 1995.
- [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)